

092

CONSUMO, EXCREÇÃO E NÍVEIS PLASMÁTICOS DE CÁLCIO, MAGNÉSIO E FÓSFORO EM GATOS EM CRESCIMENTO. *Alexandre M. de Brum, Cácia Capp, Félix H. D. González, Verônica Lima LaRosa* (Departamento de Patologia Clínica Veterinária, Faculdade de Veterinária, UFRGS).

A doença do trato urinário inferior dos felinos atinge 1% da população mundial de gatos, tendo como fator predisponente a formação de urólitos. A incidência de urolitíase está relacionada com a alimentação, principalmente com o conteúdo de macrominerais. O balanço de magnésio, cálcio e fósforo, além do pH da urina são os principais fatores relacionados com a urolitíase. O presente trabalho teve por objetivo estudar o metabolismo de magnésio, cálcio e fósforo em gatos em crescimento, mediante a avaliação dos teores sanguíneos e urinários dos minerais. Foram utilizados 5 gatos de ambos os sexos com 3 meses de idade, alimentados com ração comercial até completar 1 ano de idade. A cada 30 dias foram coletadas amostras de sangue e de urina, para a determinação das concentrações dos minerais e o valor do pH urinário. A cada 30 dias, foi determinado o conteúdo desses minerais em amostras de ração. Semanalmente foi registrado o consumo de ração e o peso dos animais. Os níveis de cálcio plasmático se mantiveram relativamente constantes, variando dentro dos valores de referência, exceto no 9º mês de idade, correspondendo a um maior consumo do mineral. A excreção urinária de cálcio variou em forma direta conforme o consumo, salvo nos meses 8º e 9º, quando houve uma relação inversa entre consumo e excreção. O teor de fósforo plasmático foi superior aos níveis de referência em 50% dos períodos estudados, principalmente do 8º mês em diante. A excreção urinária de fósforo teve relação direta com o consumo do mineral, apresentando valores inferiores aos preconizados na referência. Os níveis plasmáticos de magnésio se mantiveram dentro da referência até o 8º mês, a partir do qual aumentaram, acompanhando um incremento no conteúdo do mineral na ração. Contudo, a excreção urinária de magnésio se manteve em níveis menores de 2 mg/kg/dia, abaixo do intervalo de referência utilizado, mesmo nos meses em que o teor plasmático e o consumo de magnésio aumentaram. O valor médio do pH urinário foi de 6,21, valor considerado adequado na prevenção de ocorrência de urolitíase por estruvita. A relação Ca/P da dieta foi elevada (maior que 2,5) em 60% dos meses avaliados. (PROPESQ/UFRGS).